

FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO:

PROPOSTAS E RECURSOS
PARA O ENSINO EM
DISCIPLINAS ELETIVAS

INGRID OLIVEIRA MOREIRA

ORIENTAÇÃO: Dra. Ana Amélia Rodrigues de Oliveira



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

SUMÁRIO

-  [Apresentação](#)
-  [Sumário](#)
-  [Bloco 1: Desconstruindo a História Oficial](#)
 -  [Aula 01 – Apresentação da Eletiva “Formação do Povo Brasileiro”](#)
 -  [Aula 02 – Qual o conceito de povo?](#)
 -  [Aula 03 – Histórias que a História não conta](#)
 -  [Aula 04 – Mito da miscigenação cordial](#)
-  [Bloco 2: Matriz Indígena](#)
 -  [Aula 05 – Colonização do Brasil: vozes indígenas](#)
 -  [Aula 06: Conhecendo povos indígenas](#)
 -  [Aula 07 – Ser indígena hoje: diversidade, lutas e protagonismo](#)
 -  [Aula 08 – Legados Indígenas](#)
-  [Bloco 3: Matriz Africana](#)
 -  [Aula 09 — Africanos no Brasil: origens, diversidade e desumanização](#)
 -  [Aula 10 — O negro na sociedade brasileira: lutas e resistências](#)
 -  [Aula 11 – O negro para além da escravidão](#)
 -  [Aula 12 – Personalidades Negras](#)
 -  [Aula 13: Racismo à brasileira](#)
-  [Bloco 4: Leis, Direitos e Memórias em Disputa](#)
 -  [Aula 14 – Legislações e Direitos: Territórios Indígenas e Combate ao Racismo](#)
 -  [Aula 15 – Leis 10.639/03 e 11.645/08: O que \(não\) está nos livros didáticos?](#)
 -  [Aula 16 - Reconhecer para pertencer: cotas raciais e autodeclaração na escola](#)
 -  [Aula 17 - Repensando o 19 de abril e o 20 de novembro: para além dos estereótipos](#)
-  [Bloco 5: Propostas de culminância para as eletivas](#)
 -  [Aulas 18, 19 e 20 - Culminância: apresentação dos projetos finais – A história do povo brasileiro pelas nossas vozes](#)

Apresentação

Caros(as) colegas professores(as), este suporte didático é fruto de um percurso que une os estudos desenvolvidos durante o Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), mas

também dos meus mais de dez anos de vivência como professora e, especialmente, das experiências adquiridas ao lecionar a disciplina eletiva “Formação do Povo Brasileiro” em diferentes contextos escolares. Foi justamente convivendo com os desafios do cotidiano, ouvindo relatos de colegas e dialogando com estudantes, que percebi o quanto é fundamental construir espaços para o reconhecimento e valorização das raízes que constituem nossa identidade nacional. A ausência de materiais específicos para as disciplinas eletivas, demanda frequentemente apontada por professores na minha pesquisa, reforçou ainda mais a necessidade de um suporte didático que pudesse inspirar e apoiar a rotina docente. É fundamental ressaltar que este material não pretende engessar a prática do professor, pelo contrário, cada sugestão aqui apresentada pode e deve ser adaptada à realidade da escola, ao perfil dos estudantes e à experiência do docente. A autonomia do professor é um princípio essencial desse suporte. As atividades, fontes e abordagens apresentadas funcionam como ponto de partida, abertas à criatividade e à inovação de cada educador. Ao longo do material, encontram-se links de acesso a vídeos, imagens, textos e outros recursos, facilitando a preparação das aulas e o uso efetivo dos conteúdos sugeridos. Espera-se que este suporte contribua para que as aulas de formação do povo brasileiro sejam não apenas informativas, mas formativas através do diálogo, reflexão e construção coletiva de conhecimento.

Ementa

Objetivos Gerais:

- Compreender a pluralidade de matrizes que compõem a formação do povo brasileiro, reconhecendo o protagonismo de indígenas, africanos e europeus na constituição da sociedade nacional.
- Desenvolver uma visão crítica sobre os processos históricos de colonização, silenciamento e resistência, valorizando as contribuições de diferentes grupos para a identidade brasileira.
- Refletir sobre a presença e permanência das marcas de desigualdade, racismo e apagamento histórico no Brasil contemporâneo.

Objetivos Específicos:

- Analisar criticamente as principais narrativas sobre a formação do povo brasileiro, confrontando mitos de harmonia e cordialidade com as realidades de conflito e resistência.
- Identificar e valorizar as heranças culturais, linguísticas e sociais dos povos indígenas, africanos e europeus.
- Reconhecer e discutir o impacto das legislações e políticas públicas voltadas para a promoção da igualdade étnico-racial.
- Estimular o protagonismo estudantil na pesquisa, análise e reflexão sobre identidades, memórias e trajetórias que compõem a sociedade brasileira.

Justificativa:

A disciplina eletiva “Formação do Povo Brasileiro” é importante no contexto escolar para promover o reconhecimento da diversidade e da riqueza das raízes históricas, culturais e sociais do Brasil. Em um país marcado por profundas desigualdades e persistentes processos de apagamento, é essencial criar espaços de debate crítico, valorização de vozes historicamente silenciadas e desconstrução de estereótipos. Este componente visa contribuir para a construção de uma educação antirracista, plural e democrática, promovendo o respeito, a empatia e o reconhecimento das múltiplas identidades que compõem o povo brasileiro.

Objetos do Conhecimento:

- Processos de colonização e formação da sociedade brasileira.
- Matriz indígena: protagonismo, resistência e contribuições culturais.
- Matriz africana: ancestralidade, luta e legado.
- Racismo estrutural, democracia racial e desigualdades.
- Legislação e direitos: demarcação de terras, políticas de cotas, leis antirracistas.
- Identidade, memória e cultura brasileira.

Objetivos de Aprendizagem:

Ao longo da disciplina, espera-se que os estudantes desenvolvam a capacidade de reconhecer, analisar e valorizar a diversidade étnico-cultural que compõe a formação do povo brasileiro, compreendendo os processos históricos de construção das identidades, as contribuições das matrizes indígenas, africanas e europeias, bem como os silenciamentos, resistências e lutas desses povos ao longo do tempo. Busca-se estimular o pensamento crítico sobre as narrativas históricas tradicionais, promovendo a reflexão acerca do racismo estrutural, dos direitos e da cidadania, e incentivando o respeito às diferenças, o combate aos preconceitos e a valorização das múltiplas vozes que constituem a história do Brasil.

Recursos Didáticos:

- Documentários, filmes, músicas, poemas e obras literárias de autores(as) indígenas, negros(as) e pesquisadores(as) do tema.
- Imagens, slides, mapas, notícias e reportagens.
- Livros didáticos e paradidáticos.
- Atividades interativas, dinâmicas em grupo, debates e pesquisas orientadas.

Avaliação:

- Participação em discussões, debates e atividades propostas.
- Produção de reflexões orais e escritas, desenhos, análises e pesquisas.
- Realização de seminários, rodas de conversa e projetos de culminância.

Referências Bibliográficas:

- BARCA, Isabel. Aula oficina: do projeto à avaliação. In: JORNADA DE EDUCAÇÃO
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes. São Paulo: Ática, 2008.
- HISTÓRICA, 4., 2004, Braga. Anais... Braga: Centro de Investigação em Educação (CIED), Universidade do Minho, 2004a, p. 131-144.
- RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas questões. In: GOMES, Nilma Lino;
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e (Orgs.). Experiências étnico-culturais para a formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- SOUZA, Osvaldo Rodrigues de. História do Brasil. São Paulo: Ática, 1985.

BLOCO 1: DESCONSTRUINDO A HISTÓRIA OFICIAL

Iniciamos nossa jornada com um convite à desconstrução. Neste primeiro bloco, propomos um mergulho crítico nas narrativas que tradicionalmente moldaram o ensino da História no Brasil. Por muito tempo, a formação do povo brasileiro foi contada a partir de uma perspectiva eminentemente política, nacionalista e eurocêntrica, que exaltava a colonização portuguesa e a ação missionária, enquanto silenciava ou minimizava a presença e a agência dos povos indígenas e africanos. O objetivo aqui é tensionar esse olhar hegemônico, desafiando o leitor a questionar os mitos fundadores, os apagamentos históricos e a chamada "história oficial". Por meio da análise de diversas fontes, buscaremos romper com uma visão linear e excludente, preparando o terreno para a reconstrução de novas e mais plurais perspectivas sobre quem somos.

AULA 01 – APRESENTAÇÃO DA ELETIVA “FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO”

Duração: 2 horas/aula

Objetivos do encontro:

- Apresentar a proposta, a ementa e os objetivos gerais da eletiva aos estudantes.
- Provocar uma reflexão inicial sobre o conceito de povo brasileiro e os diferentes olhares presentes na construção da nossa identidade.
- Incentivar o pensamento crítico acerca dos silenciamentos históricos relacionados a indígenas e africanos na história oficial do Brasil.

Problematização:

O Brasil é um país conhecido por sua diversidade, mas até que ponto essa diversidade está realmente presente na maneira como entendemos a nossa própria história? De que forma as narrativas tradicionais acabam ocultando as raízes indígenas e africanas do povo brasileiro? Como podemos (re)pensar a formação do Brasil para além do olhar eurocêntrico?

Fontes sugeridas:

- Imagem 1 – A Primeira Missa no Brasil (1861), de Victor Meirelles. Acervo do Museu Nacional de Belas Artes. Fonte: Brasil Escola, acessado em: 28 jul. 2025.



[A Primeira Missa no Brasil \(1861\).](#)

- Ementa impressa desta disciplina

- Trecho do livro didático:

"Os europeus descobrem novas terras. (...) Durante milhares de anos, os povos que viviam na Europa não sabiam que existia a América. Por sua vez, os habitantes da América — os índios — não sabiam que existia a Europa. Esta situação durou até 1492, ano em que Cristóvão Colombo chegou à América. Começava então um período de grandes navegações pelos oceanos. As maiores viagens desse período foram realizadas pelos portugueses e espanhóis. Foi numa dessas viagens que os portugueses descobriram o Brasil. Vamos ver como foi esse período de grandes descobrimentos."

(SOUZA, 1985, p. 15.).



Sugestões de abordagem didática:

- Faça a apresentação inicial, contextualizando e evidenciando a relevância da disciplina; destacando temas, formas de avaliação e metodologias.
- Entregue e leia a ementa de forma coletiva, promovendo breve debate sobre as expectativas dos alunos, experiências prévias ou curiosidades sobre o tema.
- Utilize a imagem da “Primeira missa no Brasil” de Victor Meirelles como norteador para discutir: “Quem está representado? Quem está ausente? Por que essa imagem foi tão utilizada nos livros didáticos?”
- Apresente e discuta sobre o trecho do livro de história que utiliza o termo “Descobrimento do Brasil”. A partir da fonte, estimule a turma a refletir sobre a construção do olhar eurocêntrico na história do Brasil.
- Apresente o desafio para o próximo encontro: que cada estudante traga um objeto, imagem, música ou relato familiar que considere representativo da identidade brasileira.



Atividades propostas:

- Debate coletivo a partir da análise da imagem e trecho do livro de didático de história.
 - Registro no quadro das percepções dos alunos sobre quem é (ou não) representado nas narrativas tradicionais.
- Preparação do material para a próxima aula (objetos/elementos da identidade).



Avaliação:

- Participação no debate
- Contribuições para a discussão sobre identidade e diversidade

- Envolvimento na atividade preparatória

Para refletir:

Esta primeira aula é estratégica para mobilizar o interesse dos estudantes e estabelecer o tom crítico e reflexivo que orientará toda a disciplina. O objetivo principal não é esgotar os temas, mas abrir espaço para o questionamento das versões tradicionais da história e valorizar a multiplicidade de experiências e narrativas que compõem a formação do povo brasileiro.

AULA 02 – QUAL O CONCEITO DE POVO?

Duração: 2 horas/aula

Objetivos do encontro:

- Refletir sobre o significado e as múltiplas dimensões do conceito de povo.
- Compreender a pluralidade e os elementos que constituem diferentes povos ao redor do mundo, com ênfase na formação do povo brasileiro.
- Incentivar os alunos a reconhecerem a diversidade de identidades, culturas e experiências presentes no Brasil.

Problematização:

Ao refletir sobre o conceito de povo, percebemos que essa não é uma definição simples ou estática. O termo “povo” envolve questões históricas, culturais, jurídicas e sociais, sendo constantemente disputado e reconstruído. Muitas vezes, imaginamos o povo como um grupo homogêneo, mas a realidade é marcada por uma enorme diversidade de vivências, valores e trajetórias. No caso brasileiro, essa pluralidade se amplia ainda mais: somos fruto do encontro não pacífico de diferentes matrizes, tradições e experiências. Afinal, o que nos faz brasileiros? Como se constrói essa ideia de povo? Existem características comuns, ou o que predomina são as diferenças e singularidades? Como as nossas origens plurais influenciam nossa identidade? Esta aula busca provocar essas reflexões, incentivando cada estudante a olhar para além dos estereótipos e reconhecer o mosaico de experiências que formam o nosso povo.

Fontes sugeridas:

- Imagens de diferentes povos do mundo
- Slides digitais: **Formação do Povo brasileiro**, produzido por Maria de Fátima Farias de Lima. O material explora o conceito de "povo" e sua formação, com foco no povo brasileiro. A apresentação questiona a capacidade da aparência física ou dos costumes para determinar a origem de alguém ou identificar um povo. Embora os costumes, crenças e tradições forneçam um contexto cultural, histórico e geográfico, eles não são considerados classificadores definitivos nem exclusivos dos povos.

Disponível em: [Google Drive](#).

Acessado em: 28/07/2025.



Sugestões de abordagem didática:

- Retome a atividade da aula anterior, pedindo aos alunos para apresentarem seus objetos e relatarem suas escolhas.
- Promova um debate inicial: “O que esses objetos dizem sobre quem somos?”
- Apresente imagens e slides de diferentes povos, incentivando comparações e discussões sobre elementos constitutivos de uma identidade coletiva.
- Conduza a discussão: “Quais elementos nos unem? Quais nos diferenciam?”

Atividades propostas:

- Debate coletivo a partir dos objetos e imagens.
- Reflexão individual ou em pequenos grupos: cada aluno deve escrever ou apresentar brevemente “O que faz parte do povo brasileiro, a partir do que vimos e discutimos hoje?”
- Elaboração de um mural coletivo, físico ou digital, com as ideias e símbolos levantados em aula.

Avaliação:

- Participação nas discussões

- Engajamento nas atividades
- Capacidade de reconhecer e expressar a pluralidade do povo brasileiro

Para refletir:

Ao final desta aula, o mais importante não é que os estudantes decorem uma definição de povo, mas que desenvolvam um olhar aberto para a diversidade, reconhecendo a multiplicidade de origens e experiências. Aproveite para identificar quais estereótipos surgem e incentive o diálogo e à diversidade, valorizando as diferentes experiências e olhares presentes em sala.

AULA 03 – HISTÓRIAS QUE A HISTÓRIA NÃO CONTA

Duração: 2 horas/aula

Objetivos do encontro

- Analisar criticamente a narrativa tradicional sobre a história do Brasil, identificando silenciamentos e ausências históricas.
- Compreender a importância do reconhecimento de vozes indígenas e africanas na construção da história do povo brasileiro.
- Refletir sobre o papel do carnaval, e especialmente do samba-enredo, como forma de contar histórias e fazer denúncias.
- Estimular a identificação dos estudantes com uma história mais plural, valorizando suas raízes e promovendo o letramento racial.

Problematização

Quem são os protagonistas das histórias que aprendemos sobre o Brasil? Que vozes foram silenciadas nos livros didáticos? Nesta aula, convidamos os estudantes a olhar para a história a partir de outras lentes, desvendando personagens e narrativas que a história oficial insistiu em deixar à margem. Por que conhecemos tantos nomes de reis e rainhas europeus, mas pouco sabemos sobre grandes referências indígenas ou africanas do Brasil? O samba-enredo, expressão artística do carnaval, pode ser também uma aula de história daquelas que a escola não contou.



Fontes sugeridas

- Letra do samba-enredo da Estação Primeira de Mangueira – 2019: **História pra ninar gente grande**. Composição de Danilo Firmino, Deivid Domênico, Mamá, Márcio Bola, Ronie Oliveira e Tomaz Miranda.

Acessado em: 21/09/2025.



[Música: História para ninar gente grande](#)

Brasil, meu nego

Deixa eu te contar

A história que a história não conta

O avesso do mesmo lugar

Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu denço

A mangueira chegou

Com versos que o livro apagou

Desde 1500

Tem mais invasão do que descobrimento

Tem sangue retinto pisado

Atrás do herói emoldurado

Mulheres, tamoios, mulatos

Eu quero um país que não está no retrato

Brasil, o teu nome é Dandara

Tua cara é de cariri

Não veio do céu

Nem das mãos de Isabel

A liberdade é um dragão no mar de Aracati

Salve os caboclos de julho

Quem foi de aço nos anos de chumbo

Brasil, chegou a vez

De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês

Mangueira, tira a poeira dos porões

Ô, abre alas pros teus heróis de barracões

Dos Brasis que se faz um país de Lecis,

jamelões

São verde- e- rosa as multidões



Sugestões de abordagem didática

- Retome brevemente a discussão da aula anterior sobre elementos que caracterizam o povo brasileiro, pontuando como o carnaval foi citado como festa popular e espaço de memória.

- Apresente o contexto de criação do samba-enredo da Mangueira 2019, destacando sua proposta de contar as histórias não oficiais do Brasil.
- Distribua a letra para a turma ou projete, toque o áudio/vídeo e incentive os alunos a acompanhar (e cantar, se quiserem).
- Promova a leitura compartilhada da letra, identificando personagens e histórias ali citadas que normalmente não aparecem nos livros didáticos.
- Provoque: “Quantos desses nomes vocês já ouviram na escola? Que outras figuras históricas indígenas e africanas conhecem?”
- Explore a ideia de que o carnaval, além de ser festa, também é espaço de denúncia, pesquisa e reivindicação de memória.



Atividades propostas

- **Análise de letra:** Em grupos, identifiquem na letra da música personagens ou acontecimentos históricos que representam vozes silenciadas.
 - **Pesquisa rápida:** Cada grupo escolhe um desses personagens/situações e faz uma breve pesquisa (em sala ou como tarefa) sobre quem foi e por que é importante conhecer sua história.
 - **Roda de conversa:** Compartilhem as descobertas, debatendo como o apagamento histórico interfere na percepção que temos das nossas próprias origens.
- Reflexão escrita:** Individualmente, escrevam um pequeno texto respondendo: “Por que é importante conhecer essas outras histórias do Brasil?”



Avaliação

- Participação nas discussões, análises e pesquisas propostas.
- Clareza e profundidade nas reflexões orais e escritas.
- Engajamento em reconhecer e valorizar as diferentes vozes da história do Brasil.



Para refletir

O carnaval é mais do que festa; é também palco de resistência, denúncia e reconstrução de memórias. Ao trazer à tona personagens apagados e histórias pouco conhecidas, os estudantes são convidados a questionar a versão única da história, identificar ausências e entender o impacto desse silenciamento em sua própria identidade. Este é o convite da eletiva: conhecer para reconhecer-se.

AULA 04 – MITO DA MISCIGENAÇÃO CORDIAL

Duração: 2 horas/aula

Objetivos do encontro

- Problematizar a ideia tradicional de uma miscigenação harmônica e pacífica na formação do povo brasileiro.
- Confrontar diferentes narrativas sobre o processo de colonização.
- Reconhecer os conflitos, violências e resistências que marcaram a formação do Brasil.

Problematização

Por muito tempo, a história oficial propagou a imagem de um Brasil formado pela integração cordial entre europeus, indígenas e africanos. Mas será que nossa miscigenação foi mesmo marcada por harmonia e aceitação? O que essa narrativa esconde? Nesta aula, vamos analisar diferentes fontes que abordam a formação do povo brasileiro, questionando o mito da cordialidade e trazendo à tona os conflitos, as resistências e os silenciamentos que marcaram esse processo.

Fontes sugeridas

- Trecho do Livro *Casa-grande & Senzala* (FREYRE, 2004):
"A força, ou antes, a potencialidade da cultura brasileira parece-nos residir toda na riqueza de antagonismos equilibrados (...) Não que no brasileiro subsistam, como no anglo-americano, duas metades inimigas: a branca e a preta; o ex-senhor e o ex-escravo. De modo nenhum. Somos duas metades confraternizantes que se vêem mutuamente enriquecendo de valores e experiências diversas; quando nos completarmos num todo, não será com o sacrifício de um elemento ao outro]" (FREYRE) (apud FREYRE, *Casa-grande & senzala*, Rio de Janeiro, Maia e Schmidt Ltda., 2004, p. 23-24)
- Trecho do filme: *Uma História de Amor e Fúria* (dir. Luiz Bolognesi, 2013) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8KOGMoLUyK4>,
Acessado em: 14/08/2025.



[Filme "Uma História de Amor e Fúria"](#)



Sugestões de abordagem didática

- Inicie a aula apresentando o conceito de “miscigenação cordial” a partir do trecho de *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, inclusive contextualizando sobre o autor e a forte influência dessa obra para o imaginário da sociedade brasileira harmoniosa. Realize uma leitura compartilhada do texto e questione a turma sobre qual ideia de formação do povo brasileiro o autor sugere, destacando palavras como “confraternização”, “equilíbrio” e a ausência de conflitos.. Faça alguns questionamentos como “Que ideia de formação do povo brasileiro Freyre apresenta nesse trecho? Ele considera que houve conflito ou harmonia?” Estimule que os alunos debatam o sentido de “confraternização” e de “antagonismos equilibrados” apresentado pelo autor.
- Na sequência, explique que essa versão idealizada será confrontada com outras perspectivas históricas. Apresente o filme *Uma História de Amor e Fúria*, focando nos segmentos do período da colonização. Oriente os alunos a observar como o filme retrata o encontro entre europeus, indígenas e africanos, atentando para episódios de resistência, opressão e violência.
- Durante ou após a exibição, promova um debate orientado por questões como:
 - De que maneira o filme questiona ou contradiz a ideia de uma miscigenação pacífica?

- Quais personagens e histórias o filme traz à tona que geralmente são silenciadas na história oficial?
- Que reflexões o filme provoca sobre as violências e resistências indígenas e negras?
- Finalize a discussão recuperando o objetivo da aula: mostrar que, apesar da narrativa sobre a cordialidade e harmonia da miscigenação, a formação do povo brasileiro foi atravessada por conflitos, imposições e resistências. Encoraje os alunos a refletirem sobre a importância de revisitar fontes e narrativas para reconstruir uma história mais plural sobre nossa formação social.



Atividades propostas

- **Produção escrita:** Partido da discussão em sala e da análise das fontes, crie um texto sobre: “Por que é importante problematizar o mito da miscigenação cordial no Brasil?”



Avaliação

- Participação nos debates.
- Capacidade de argumentar e identificar diferentes perspectivas nas fontes analisadas.
- Produção escrita que revele compreensão crítica da aula.



Para refletir

Ao final desta aula, busque perceber se os estudantes conseguiram identificar os limites das narrativas tradicionais e ampliar o olhar para a complexidade dos encontros e desencontros que marcaram a formação do Brasil. Incentive-os a pensar sobre como mitos nacionais ainda influenciam nossa autoimagem e nossas relações sociais. Valorize dúvidas, questionamentos e produções criativa eles são sinal de reflexão profunda sobre a história.

BLOCO 2: MATRIZ INDÍGENA

Neste segundo bloco, nosso foco se volta para o reconhecimento da diversidade, do protagonismo e da contínua presença dos povos originários na história do Brasil. Distanciando-nos de representações que reduzem a presença indígena a um papel secundário ou folclórico, esta seção busca valorizar os saberes, as lutas e os legados desses povos. Para isso, daremos destaque a

fontes produzidas por intelectuais e lideranças indígenas, garantindo que suas vozes sejam ouvidas não apenas como objeto de estudo, mas como sujeitos históricos e produtores de conhecimento. A proposta é estimular o respeito à pluralidade e à agência histórica desses sujeitos, fortalecendo a autonomia do leitor na construção de um conhecimento mais justo e representativo.

AULA 05 - COLONIZAÇÃO DO BRASIL: VOZES INDÍGENAS

Duração: 2 horas/aula

Objetivos do encontro

- Compreender a colonização do Brasil a partir do protagonismo indígena e da perspectiva dos povos originários.
- Refletir sobre a violência, o etnocídio e o processo de resistência indígena na história do Brasil, do passado ao presente.
- Valorizar as narrativas e vozes indígenas como fontes históricas e culturais fundamentais para a compreensão da formação do povo brasileiro.

Problematização

Por muito tempo, a história da colonização do Brasil foi contada a partir do olhar europeu, frequentemente romantizando o chamado “descobrimento” e silenciando as vozes indígenas. O episódio “Guerras de Conquista”, do documentário *Guerras do Brasil.doc*, convida a repensar esse processo a partir de novas perguntas: Que guerra foi essa? Por que o autor define a colonização como uma guerra? Que elementos o documentário apresenta que contradizem a narrativa oficial? E como a luta dos povos indígenas pela sobrevivência, território e cultura permanece ainda hoje?

Fontes sugeridas

- Documentário: **GUERRAS DE CONQUISTA**. In: GUERRAS DO BRASIL.DOC. Direção: Luiz Bolognesi. Produção: Buriti Filmes e Gullane. Brasil, 2019. 1º episódio.

Acessado em: 21/09/2025.

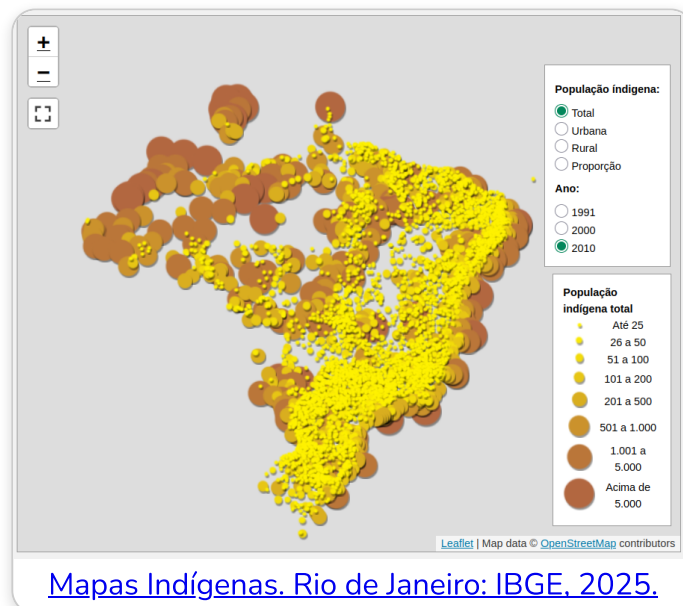


[Documentário "Guerras do Brasil.doc"](#)

- Mapa dos povos indígenas atuais:
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Mapas Indígenas. Rio de Janeiro: IBGE, 2025.

Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/mapas-indigenas-2.html>.

Acessado em: 16 set. 2025.



[Mapas Indígenas. Rio de Janeiro: IBGE, 2025.](#)

- Depoimentos de lideranças indígenas apresentados no documentário

Sugestões de abordagem didática

- Inicie contextualizando brevemente a série documental: quem produziu, ano, objetivo e a importância do enfoque indígena. Questione o título do episódio: “Guerra de Conquista” de quem? Sobre o quê? Esse conflito já terminou?
- Em seguida, faça a exibição do filme, orientando os alunos a anotarem informações e aspectos que considerem mais marcantes: dados demográficos, depoimentos, falas de indígenas, descrições de violência, exemplos de resistência, etc.
- Ao encerrar ao episódio conduza uma discussão guiada com perguntas provocativas, como:

- O que diferencia a versão apresentada pelo documentário daquela tradicionalmente ensinada?
- Como a luta dos povos indígenas foi (ou ainda é) apagada dos livros didáticos?
- Por que o documentário fala de “guerras” e não de “descobrimento”?
- Quais exemplos de resistência e sobrevivência indígena mais impactaram?
- O que mudou, ou não mudou, no Brasil desde então?
- Explore as informações demográficas e históricas apresentadas, em tela, no decorrer do episódio, sobre os povos indígenas no Brasil: número de povos, territórios e impactos da colonização.
- Ao final da aula, convide os alunos a participarem de uma atividade de sala de aula invertida para o próximo encontro. Explique que, como preparação para a próxima aula, os alunos deverão se organizar em grupos, acessar o site “Povos Indígenas no Brasil” (<https://pib.socioambiental.org/>) e pesquisar sobre um povo indígena específico.
- Reforce a importância da pesquisa autônoma para conhecer a diversidade dos povos indígenas no Brasil, incentivando os alunos a irem além do senso comum e dos estereótipos.



Atividades propostas

- **Criação de painel visual:** Os alunos, individualmente ou em grupos, devem produzir um painel (desenho, cartaz ou linha do tempo ilustrada) representando os diferentes aspectos da resistência indígena retratados no documentário. É importante valorizar as vozes indígenas, representando tanto as lutas do passado quanto desafios atuais (demarcação de terras, preservação cultural, etc).
- **Debate orientado:** A partir dos painéis, organize uma roda de conversa para que cada grupo apresente suas principais conclusões, destacando aquilo que mais os surpreendeu ou fez repensar a história do Brasil.



Avaliação

- Participação nas discussões e atividades propostas
- Qualidade das reflexões apresentadas no painel e/ou texto
- Engajamento na análise crítica das fontes audiovisuais



Para refletir:

Ao final desta aula, busque perceber se os estudantes passaram a reconhecer que a colonização do Brasil foi marcada por conflitos, violência e resistência. Incentive que valorizem fontes e vozes indígenas e compreendam a história não como um relato único, mas como um mosaico de

narrativas. Acolha as dúvidas, incentive a escuta atenta, e destaque como o conhecimento histórico pode contribuir para uma sociedade mais plural, justa e consciente de suas raízes.

AULA 06: CONHECENDO POVOS INDÍGENAS

Duração: 2 horas/aula

Objetivos do encontro

- Proporcionar o protagonismo dos estudantes no processo de pesquisa e apresentação sobre povos indígenas brasileiros.
- Compreender a pluralidade dos povos indígenas no Brasil, reconhecendo diversidade de línguas, culturas, organizações sociais e regiões de ocorrência.
- Combater estereótipos e ampliar o conhecimento sobre a presença indígena em todas as regiões do país, inclusive na realidade local/regional.

Problematização

Quando pensamos em “povos indígenas”, muitas vezes nos vêm à mente imagens estereotipadas ou restritas a algumas regiões do país. Mas afinal, quem são os povos indígenas do Brasil? Quantos são? Onde vivem? Que línguas falam? Que costumes preservam? Nesta aula, a partir do olhar e da pesquisa dos próprios alunos, vamos buscar respostas para essas perguntas, reconhecendo a riqueza e a complexidade da presença indígena no Brasil contemporâneo.

Fontes sugeridas

- Site *Povos Indígenas no Brasil* (<https://pib.socioambiental.org/>)
- Apresentações dos grupos (materiais produzidos pelos estudantes: slides, cartazes, vídeos, mapas etc.)

Sugestões de abordagem didática

Orientações para a sala de aula invertida

Organize os alunos em grupos e atribua previamente a cada grupo um povo indígena para pesquisa. Essa divisão garante que o trabalho seja equilibrado e permite ao professor preparar-se melhor para a mediação do debate e para aprofundar as discussões durante a apresentação dos resultados.

Sugestão de Povos Indígenas a serem pesquisados:

- **Yanomami** (Norte – Roraima/Amazonas): maior território indígena do Brasil, diversidade cultural, questões recentes de saúde e território.
- **Guarani** (Sudeste/Sul/Centro-Oeste): presença em diversos estados, tradição cultural forte, desafios atuais com terras.
- **Tupinambá** (Nordeste – Bahia): protagonismo histórico, resistência à colonização, lutas contemporâneas por território.
- **Tremembé** (Nordeste – Ceará): povo tradicional do Ceará, experiências de resistência, cultura e revitalização das línguas e tradições.
- **Xavante** (Centro-Oeste – Mato Grosso): organização social e cultural distinta, destaque nos movimentos de resistência.

Orientações práticas:

- Forme grupos de 4 ou 5 alunos, de acordo com o número total da turma.
- Explique brevemente quem são os povos indicados e o porquê da escolha, valorizando tanto a representatividade nacional quanto a regional.
- Indique que a principal fonte de pesquisa será o site “Povos Indígenas do Brasil” (<https://pib.socioambiental.org/pt>), incentivando a busca por informações sobre história, território, língua, organização social, desafios atuais e contribuições culturais.
- Oriente que cada grupo organize sua apresentação para compartilhar na próxima aula os principais aspectos do povo pesquisado, utilizando recursos visuais (cartazes, slides, mapas, imagens) se possível.

Observação: Essa preparação deve ser realizada **ao final da aula anterior (aula 5)**, de modo que os alunos já saiam com a tarefa definida, e retomada rapidamente no início da aula seguinte para esclarecer dúvidas e reforçar a importância da diversidade dos povos indígenas no Brasil.

- Inicie a aula retomando a tarefa de pesquisa atribuída na aula anterior, destacando os povos indígenas definidos para cada grupo (Yanomami, Guarani, Tupinambá, Tremembé e Xavante, por exemplo).
- Ao final de cada apresentação, conduza um breve debate com a turma, destacando a diversidade de experiências, a presença dos indígenas em diferentes regiões e desconstruindo mitos sobre um suposto “modelo único” de ser indígena.
- Valorize o protagonismo dos alunos na produção e compartilhamento do conhecimento.



Atividades propostas

- Apresentação dos grupos sobre os povos indígenas.
- Debate coletivo: principais descobertas, percepções e curiosidades.
- Elaboração, em sala, de um painel coletivo (cartaz, mural ou mapa) que registre as informações sobre cada povo estudado e destaque a diversidade indígena no Brasil.



Avaliação

- Participação nas pesquisas, apresentações e discussões.
- Engajamento e respeito na escuta das apresentações dos colegas.
- Contribuição para o painel coletivo.



Para refletir

Mais do que “reproduzir” informações, esta aula visa estimular a curiosidade, a escuta ativa e o respeito à pluralidade dos povos indígenas. Ao protagonizarem a pesquisa, os alunos não apenas ampliam o repertório, mas também se reconhecem como sujeitos capazes de construir e compartilhar conhecimento.

AULA 07 – SER INDÍGENA HOJE: DIVERSIDADE, LUTAS E PROTAGONISMO

Duração: 2 horas/aula



Objetivos do encontro

- Compreender a pluralidade das identidades indígenas no Brasil contemporâneo.
- Refletir sobre o protagonismo das lideranças indígenas e suas lutas atuais.
- Desconstruir estereótipos associados aos povos indígenas, valorizando suas múltiplas formas de existir, viver e resistir.
- Discutir a importância da mudança de termos e nomenclaturas para uma compreensão mais justa e respeitosa dos povos indígenas.

? Problematização

Ao longo do tempo, a imagem do indígena foi construída a partir de estereótipos: aquele que vive na floresta, usa arco e flecha, mora em aldeia ou tribo e fala uma língua diferente. Porém, será que essa é a única realidade indígena? Quantos indígenas existem hoje no Brasil? Onde vivem? O que fazem? Que profissões exercem? Por que muitos ainda se referem a eles como “índios”?

Esta aula propõe um exercício de revisão dessas ideias, ouvindo o que os próprios indígenas têm a dizer sobre suas identidades, lutas e saberes, compreendendo que a história deles está viva nos campos, nas cidades, nas artes, na política e na escola.

📖 Fontes sugeridas

- Documentário: *Falas da Terra* (GloboPlay, 2021). Direção de Graciela Guarani, Olinda Muniz e Erika Kandire.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BdDpp6USz5Y>,

Acessado em: 29/07/2025.



[Documentário "Falas da Terra"](#)

- [Trecho da coluna do jornal sobre o documentário](#)
- Depoimentos de lideranças indígenas (presentes no próprio documentário)

💡 Sugestões de abordagem didática

- Inicie contextualizando o documentário, destacando o protagonismo indígena em todas as etapas de produção e o objetivo de trazer ao centro as vozes de quem vive a realidade indígena.
- Antes da exibição, oriente o olhar dos alunos para identificar:
 - Quem são os indígenas retratados? Onde vivem? Quais profissões exercem?
 - Quais lutas e desafios os povos indígenas enfrentam hoje?
 - Como se define “ser indígena” segundo os próprios depoentes?
 - O que te surpreendeu ou desconstruiu do que você pensava sobre os povos indígenas?

- Que imagens e narrativas aparecem e quais ficam de fora dos livros didáticos?
- Realize a exibição do documentário (integral ou trechos selecionados).
- Após o filme, promova um debate, partindo das perguntas direcionadas anteriormente e estimulando também os estudantes a comentarem as situações, falas e imagens que mais chamaram atenção.
- Destaque personalidades presentes no documentário, como Raoni Metuktire e outras lideranças indígenas, incentivando os alunos a pesquisar mais sobre suas trajetórias.
- Liste, no quadro, palavras ou expressões que os alunos costumam ouvir ou usar sobre povos indígenas e, juntos, discutam o porquê delas serem inadequadas, reducionistas ou ultrapassadas (por exemplo: “índio”, “tribo”, “aldeia”, “reservas”).
- Enfatize o uso correto de termos: “indígena”, “povo”, “comunidade”, “terras indígenas”, etc.



Atividades propostas

- Questionário orientado sobre o documentário
- Roda de conversa: relatos, impressões e perguntas que surgiram durante o documentário.
- Elaboração de um glossário coletivo sobre termos corretos e inadequados para se referir a povos indígenas.
- Como atividade complementar, peça aos alunos que pesquisem sobre algumas lideranças e ativistas indígenas que aparecem no documentário e compartilhem em sala. Sugestão: (Raoni Metuktire, Ailton Krenak, Sônia Guajajarara, Daniel Munduruku.)



Para refletir:

Esta aula é um convite à escuta e à valorização das múltiplas vozes indígenas presentes na sociedade brasileira. O mais importante é que cada estudante perceba que ser indígena não é uma realidade fixa ou do passado, mas uma experiência plural, contemporânea e em constante movimento. Incentive os alunos a enxergar a riqueza e a diversidade dos povos originários, reconhecendo-os como sujeitos ativos, criadores de cultura e protagonistas de suas próprias histórias e lutas.

AULA 08 – LEGADOS INDÍGENAS

Duração: 2 horas/aula

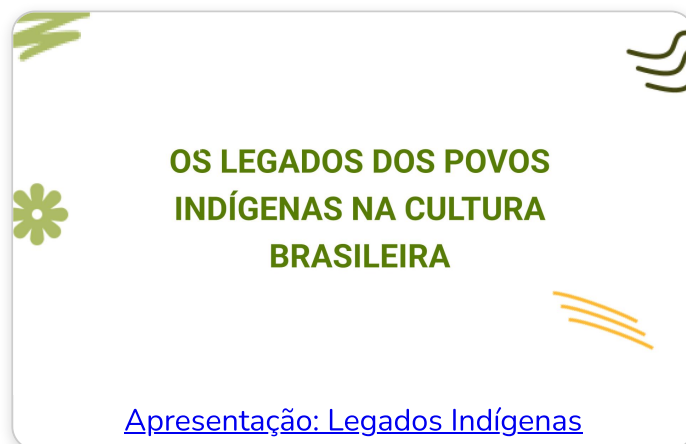
- Reconhecer a presença e importância dos legados indígenas na cultura e no cotidiano brasileiro.
- Identificar, a partir da música “Território Ancestral”, temas como resistência, lutas atuais, memória e diversidade indígena.
- Promover uma reflexão crítica sobre o protagonismo e a invisibilidade dos povos indígenas no Brasil contemporâneo.

? Problematização

Apesar de séculos de colonização, violência e apagamento, a cultura indígena permanece viva em nossos costumes, na nossa alimentação, nas palavras que falamos, nos nomes de lugares, nos saberes sobre a terra. No entanto, esse legado muitas vezes passa despercebido na nossa sociedade. Como podemos reconhecer e valorizar o que herdamos dos povos indígenas? Como a música, como expressão cultural, pode dar visibilidade a essas heranças e lutas?

📖 Fontes sugeridas

- Apresentação: Legado dos Povos Indígenas na Cultura Brasileira, autoria de Ingrid Oliveira.
Disponível em: <https://bit.ly/material-didatico-legados-indigenas>
Acessado em: 29/07/2025.



- Letra da música “Território Ancestral”. Composição de Kaê Guajajarara.

*Alô mãe, você sente minha falta?
Por que eu também sinto falta de mim
Alô mãe, canta que o corpo transpassa o
tempo
E nos faz resistir
Deixei meu cocar no quadro*

*Retrato falado, escrevo daqui
Num apagamento histórico
Me perguntam como eu cheguei aqui
A verdade é que eu sempre estive
Vou te contar uma história real
Um a um morrendo desde os navios de
Cabral*

*Nós temos nomes, não somos números
Pra me manter viva, preciso re-existir
Dizem que não sou de verdade
Que não deveria nem estar aqui
O lugar onde vivo me apaga e me incrimina
Me cala e me torna invisível
A arma de fogo superou a minha flecha
Minha nudez se tornou escandalização
Minha língua mantida no anonimato
Kaê na mata, Aline na urbanização*

*Mesmo vivendo na cidade
Nos unimos por um ideal
Na busca pelo direito
Território ancestral
Vou te contar uma história real
Pindorama (território ancestral)
Brasil (tekohaw tekohaw)
Demarcação já!
No território ancestral*

- Vídeo: Guajajarara, K. [Kaê Guajajarara]. (2020, 28 de agosto). **Kaê Guajajarara - Território Ancestral (Videoclipe Oficial)**. Disponível em: YouTube, <https://www.youtube.com/watch?v=szzDJahvUS8>
Acessado em 14/08/2025.



[Videoclipe Território Ancestral \(2020\).](#)

Sugestões de abordagem didática

- Inicie a aula introduzindo o tema da aula, destacando a importância de conhecermos os legados das nossas raízes.
- Utilize slides para mostrar exemplos práticos das contribuições indígenas em diferentes aspectos do cotidiano brasileiro. Estimule perguntas do tipo: “O que aqui surpreendeu vocês?” “O que é mais marcante?”
- Ao encerrar esse primeiro momento da aula, faça a transição para a próxima fonte a ser trabalhada, explicando que, para além de objetos e costumes, há também um legado de luta e resistência.

- Neste segundo momento da aula faça a audição e análise da música “Território Ancestral” da compositora Kaê Guajajarara.
 - Distribua a letra da música “Território Ancestral” para a turma.
 - Ouça o áudio/vídeo juntos.
 - Oriente os alunos a grifarem ou anotarem frases que se conectem com os legados apresentados ou com temas das aulas anteriores (cultura, resistência, invisibilidade, identidade, lutas, etc.).
- Em seguida promova um debate sobre as mensagens da música:
 - O que mais chamou a atenção?
 - Que relações fizeram entre a música e o que viram nas aulas anteriores?
 - Que legados aparecem de forma direta ou indireta na canção?
 - Por que o território é chamado de ancestral?
- Faça um fechamento, sistematizando com a turma o que ficou de principal aprendizado sobre a matriz indígena, seja sobre os seus legados, lutas, diversidade, enfim, de tudo que foi estudado ao longo das últimas aulas.



Atividades propostas

- Participação ativa nas discussões.
- Identificação, na letra da música, de elementos relacionados às temáticas discutidas ao longo das aulas sobre matriz indígena.
- Elaboração de uma frase, cartaz, ou desenho que resuma o principal legado indígena identificado por cada estudante.



Avaliação

- Engajamento e participação nas atividades e debates.
Capacidade de relacionar os conteúdos apresentados ao cotidiano e às discussões anteriores.



Para refletir:

Encerrar o bloco indígena com a música "Território Ancestral" é uma oportunidade de reconhecer a presença dos povos originários em nosso passado e presente, reafirmando a importância da resistência, do respeito à diversidade e da luta por direitos. Estimule a turma a pensar que conhecer os legados indígenas é também reconhecer-se como parte desse território ancestral.

BLOCO 3: MATRIZ AFRICANA

O terceiro bloco deste livro é dedicado a abordar a riqueza e a complexidade da matriz africana, rompendo com o paradigma historiográfico que frequentemente associa a presença negra no Brasil exclusivamente à condição de escravo. Nosso objetivo é valorizar as trajetórias, as culturas, as diversas formas de resistência e as inúmeras conquistas dos afro-brasileiros, destacando sua centralidade na formação do nosso país. Utilizaremos fontes como músicas, poemas e documentários para aproximar o leitor das experiências e contribuições africanas e afro-brasileiras. Além de apresentar novas narrativas, este bloco também convida a uma reflexão crítica sobre o racismo, compreendendo-o como uma estrutura histórica e social que precisa ser identificada e combatida.

AULA 09 — AFRICANOS NO BRASIL: ORIGENS, DIVERSIDADE E DESUMANIZAÇÃO

Duração: 2 horas/aula

Objetivos do encontro

- Reconhecer a diversidade étnica, cultural e linguística dos povos africanos que foram trazidos ao Brasil.
- Refletir sobre o processo de desumanização que os africanos sofreram ao serem escravizados e o impacto desse processo na formação da sociedade brasileira.
- Valorizar as histórias, culturas e protagonismo dos africanos e seus descendentes, rompendo com visões estereotipadas e reducionistas.

Problematização

Ao se falar de africanos no Brasil, muitas vezes, limita-se sua história à condição de escravizados. No entanto, antes da chegada forçada, esses povos já possuíam culturas, civilizações e trajetórias

ricas e plurais. Como a sociedade brasileira ainda carrega marcas desse processo de desumanização? O que significa reconhecer que somos descendentes de pessoas escravizadas e não de “escravos”? De que forma a história oficial silenciou e homogenizou a diversidade africana? Essa aula busca refletir sobre pluralidade das origens africanas e o protagonismo dessas populações na construção do Brasil.

Fontes sugeridas

- Vídeo: [Ancestralidade Africana – Canal Curta História](#).
Acessado em 14/08/2025.



- Música: “Mufete”, Composição de Emicida/Xuxa Levy. Acessado em: 21/09/2025.



*Rangel, Viana, Golfo, Cazenga pois
Marçal, Sambizanga, Calemba dois
Rangel, Viana, Golfo, Cazenga pois*

*Marçal, Sambizanga, Calemba dois
One love, amor pro'cês, sério
Djavan me disse uma vez
Que a terra cantaria ao tocar meus pés*

Tanta alegria fez brilhar minha tês
Que arte é fazer parte, não ser dono
Nobreza mora em nós, não num trono
Logo, somos reis e rainhas, somos
Mesmo entre leis mesquinhas vamos
Gente, só é feliz
Quem realmente sabe, que a África não é um
país
Esquece o que o livro diz, ele mente
Ligue a pele preta a um riso contente
Respeito sua fé, sua cruz
Mas temos 256 Odus
Todos feitos de sombra e luz, bela
Sensíveis como a luz das velas ('tendeu?)
Rangel, Viana, Golfo, Cazenga pois
Marçal, Sambizanga, Calemba dois
Rangel, Viana, Golfo, Cazenga pois
Marçal, Sambizanga, Calemba dois
Aí, tá na cintura das mina de Cabo Verde
E nos olhares do povo em Luanda
Nem em sonho eu ia saber que
Cada lugar que eu pisasse daria um samba
Numa realidade que mói
Junta com uma saudade que é mansinha, mas
dói
Tanta desigualdade, a favela, os boy
Atrás de um salário, uma pá de super herói,
sabe?
Louco tantos Orfeus, trancados

Nos contrato de quem criou o pecado
Dorme igual flor num gramado
E um vira-lata magrinho de aliado
Brusco, pick o cantar de pneus
Dizem que o diabo veio nos barcos dos
europeus
Desde então o povo esqueceu
Que entre os meus, todo mundo era Deus
(morô, vai?)
E eu não sabia mais se eu tava em casa
Ou se eu tava viajando, certo mano?
Meu coração ficou com todos os meus irmão
Todas as minhas irmã que eu encontrei pelo
mundo, certo?
Queria agradecer a todos eles
Cabo Verde, Tiara Grande, Pri, é 'nois
Rangel, Viana, Golfo, Cazenga pois
Marçal, Sambizanga, Calemba dois
Rangel, Viana, Golfo, Cazenga pois
Marçal, Sambizanga, Calemba dois
Rangel, Viana, Golfo, Cazenga pois
Marçal, Sambizanga, Calemba dois
Rangel, Viana, Golfo, Cazenga pois
Marçal, Sambizanga, Calemba dois (moleque,
obrigado meu Deus)
Já dizia o poeta
A África está nas crianças e o mundo está por
fora
Muito obrigado

- Poema: “**Vozes-mulheres**” — Conceição Evaristo. Acessado em: 21/09/2025.



*A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de
uma infância perdida.*

*A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.*

*A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo
das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.*

*A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.*

*A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas
caladas
engasgadas nas gargantas.*

*A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem — o hoje — o
agora.*

*Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da
vida-liberdade.*

- Mapa impresso do continente africano:
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). África. In: Atlas Escolar. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.
Disponível em:



- Depoimentos de lideranças indígenas apresentados no documentário

Sugestões de abordagem didática

- Inicie a aula exibindo o mapa da África, ressaltando as principais regiões de onde vieram os africanos que foram trazidos ao Brasil. Peça que os alunos identifiquem no mapa nomes de países, regiões e, se possível, etnias (iorubás, bantos, jejes, etc.), destacando a pluralidade desses povos.
- Exiba o vídeo “Ancestralidade Africana” e, após, estimule uma conversa sobre os diferentes povos africanos, suas culturas e religiões. Reforce que a África é um continente plural, não um país único.
- Trabalhe a música “Mufete” do Emicida: distribua a letra impressa, ouça a música com os alunos e explore os versos que destacam a ancestralidade, identidade e orgulho das origens africanas.
 - Pergunte: O que aprendemos sobre a África nos livros didáticos? Como a música desconstrói estereótipos sobre o continente e seus povos?
- Finalize o encontro lendo o poema “Vozes-mulheres” de Conceição Evaristo, destacando as várias gerações de mulheres negras, a memória da ancestralidade, a violência, mas também a resistência e o protagonismo.
 - Discuta: Como a experiência das mulheres negras contribui para a história do Brasil? Qual a diferença entre ser descendente de pessoas escravizadas e ser “descendente de escravos”?

Alternativa Metodológica – Rotação por Estações

Para diversificar a dinâmica desta aula, sugerimos a metodologia de rotação por estações, em que os alunos trabalham em grupos com as três fontes simultaneamente. Veja o passo a passo:

Organização da atividade

- Divida a turma em três grupos.
- Cada grupo começa por uma estação, permanecendo nela por cerca de 20 minutos.
- Após o tempo estipulado, rotacionam para a próxima estação, até que todos passem por todas as fontes.
- Em cada estação, os alunos realizam uma atividade orientada e registram suas reflexões.

Estação 1 – Vídeo: Ancestralidade Africana

Objetivo:

Compreender as origens, línguas, culturas e diversidade dos povos africanos trazidos para o Brasil.

Atividade:

- Assista ao vídeo *Ancestralidade Africana* (link sugerido ou exibido pelo professor).
- Em grupo, responda:
 - Quais as principais regiões da África de onde vieram os africanos escravizados?
 - O vídeo traz informações sobre as línguas, religiões ou costumes desses povos? Quais?
 - Como essa diversidade é importante para a história do Brasil?

Produto esperado:

Mapa-resumo das principais origens e culturas dos africanos trazidos para o Brasil.

Estação 2 – Música: Mufete (Emicida)

Objetivo:

Perceber como a música contemporânea revisita as raízes africanas e desconstrói estereótipos.

Atividade:

- Ouça a música e leia a letra impressa.
- Discuta em grupo:
 - Quais referências à África aparecem na música?
 - O que a letra nos diz sobre identidade e ancestralidade?
 - Como a música desafia a ideia de uma África única e homogênea?
- Sublinhe ou marque versos que falem de resistência, diversidade ou orgulho ancestral.

Produto esperado:

Cartaz ou painel destacando trechos da música e seus significados.

Estação 3 – Poema: Vozes-mulheres (Conceição Evaristo)**Objetivo:**

Refletir sobre o processo de desumanização e resistência das mulheres negras ao longo da história.

Atividade:

- Leitura coletiva e comentada do poema.
- Debate:
 - Que vozes aparecem no poema? Quais experiências atravessam gerações?
 - Como o poema retrata a força e a resistência das mulheres negras?
 - Que sentimentos ou reflexões a leitura provoca?
- Escreva, em poucas linhas, uma síntese do poema e sua relação com a aula.

Produto esperado:

Mini-texto coletivo e/ou desenho expressando o impacto do poema.

- Após a rotação, reúna a turma para socializar as descobertas, reflexões e produções de cada estação.
- Discuta:
 - O que aprendemos sobre a diversidade africana e a desumanização no Brasil?
 - Como a cultura afro-brasileira resiste e se reinventa até hoje?

Dica para o professor:

Caso haja pouco tempo, selecione apenas um trecho da música e do poema, ou peça para que a leitura seja feita em casa antes da aula, agilizando o processo em sala.

**Atividades propostas**

- **Exploração do mapa:** Em grupos, os alunos marcam no mapa as regiões de origem dos principais povos africanos que vieram para o Brasil e apresentam para a turma.
- **Roda de conversa:** Após assistir ao vídeo e ouvir a música, discuta coletivamente: Quais imagens ou ideias sobre África mudaram ou foram ampliadas?
- **Análise literária:** Leitura e interpretação coletiva do poema “Vozes-mulheres”, identificando sentimentos, memórias e resistências presentes nos versos.
- **Produção criativa:** Como tarefa, os alunos podem criar uma breve narrativa, poema ou desenho que represente a pluralidade africana ou os sentimentos provocados pela aula.



Avaliação

- Participação nas discussões e atividades propostas.
- Apresentação do grupo sobre as regiões africanas no mapa.
- Reflexões individuais (orais ou escritas) sobre os temas trabalhados.
- Engajamento com as fontes (vídeo, música, poema) e capacidade de estabelecer conexões com a formação do povo brasileiro.
- Na abordagem de rotação por estações: participação nas discussões, produção nas estações e síntese apresentada ao grupo.



Para refletir

Mais do que estudar o passado, esta aula propõe um olhar crítico para a presença africana na sociedade brasileira não apenas como dor e opressão, mas também como potência criadora, resistência e pluralidade cultural. Incentive os alunos a repensar narrativas, superar estereótipos e reconhecer a herança afro-brasileira em suas próprias vidas e no cotidiano da escola.

AULA 10 — O NEGRO NA SOCIEDADE BRASILEIRA: LUTAS E RESISTÊNCIAS

Duração: 2 horas/aula



Objetivos do encontro

- Compreender a multiplicidade das estratégias de resistência negra ao longo da história do Brasil, desde o período da escravidão até os dias atuais.
- Valorizar o protagonismo negro na luta pela liberdade, dignidade e direitos civis.
- Desconstruir a ideia de passividade dos negros, evidenciando formas de luta, organização e produção intelectual.



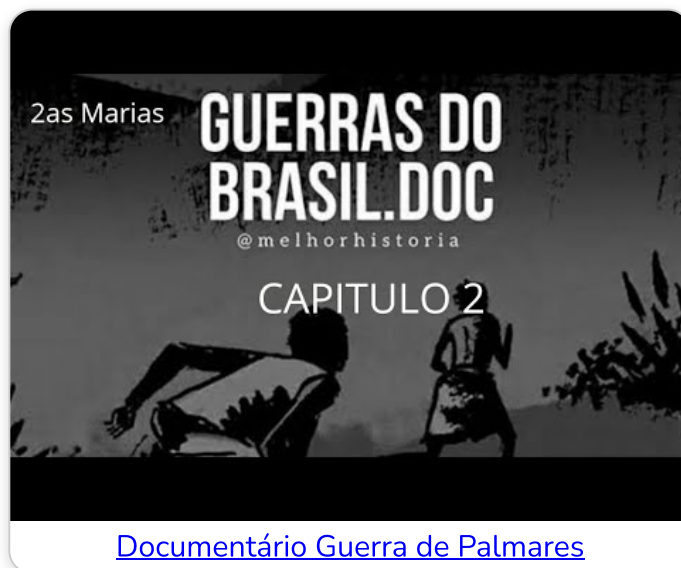
Problematização

Durante décadas, a história oficial retratou a população negra no Brasil como vítima passiva da escravidão. Contudo, a experiência negra no país é marcada por intensas lutas, articulações e resistências seja nos quilombos, nas revoltas urbanas, nas redes de solidariedade, na imprensa e nas manifestações culturais. Como desconstruir a imagem do negro apenas como subalterno ou vitimado? Que exemplos históricos mostram o protagonismo negro na construção da sociedade brasileira? Quais formas de resistência permanecem e se renovam até hoje?



Fontes sugeridas

- Documentário: [Guerras do Brasil.doc — episódio 02: Guerras de Palmares](#)
Acessado em 14/08/2025.



- Jornais da imprensa negra – Acervo BN Digital:
 - [“O Homem de Cor” \(1833\)](#), disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=701815>. Acessado em: 21/09/2025.
 - [“O Abolicionista” \(1880\)](#), disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=230812>. Acessado em: 21/09/2025.
 - [“A Voz da Raça” \(1931\)](#), disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=845027>. Acessado em: 21/09/2025.
- Podcasts: [Rádio Nacional BR — série Imprensa negra no Brasil, episódio 01: 190 anos de luta antirracista ligam passado e presente](#), disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z34C0cU5acw>, acessado em: 21/09/2025.



Sugestões de abordagem didática

- Inicie a aula lembrando, a partir do mapa trabalhado na aula anterior, a presença africana no Brasil. Destaque o impacto numérico e cultural da diáspora africana.
- Apresente o episódio “Guerras de Palmares”, em seguida oriente os alunos a prestar atenção nas diferentes formas de organização, alianças e resistências dos negros, e como os quilombos funcionaram como espaços de liberdade, cultura e resistência. Questione: O que o documentário mostra sobre o protagonismo negro? Como a história tradicional representa (ou não) esses fatos?
- Exploração da imprensa negra: Mostre reproduções ou trechos dos jornais “O Homem de Cor”, “O Abolicionista” e “A Voz da Raça”. Explique brevemente a importância da imprensa negra na luta por direitos e na construção de uma voz própria para a população negra.
- Caso possível, ouça em sala trechos dos podcasts da Rádio Nacional BR, relacionando as discussões do passado com as lutas atuais.



Atividades propostas

- **Registro e debate:** Peça aos alunos que escrevam (individualmente ou em grupos) sobre as principais lutas e formas de resistência do negro no Brasil em diferentes épocas, destacando exemplos do documentário, dos jornais e dos podcasts.
- **Reflexão escrita:** Solicite uma breve reflexão sobre o que mudou na percepção dos alunos em relação ao papel do negro na história do Brasil após o contato com as fontes.
- **Pesquisa complementar:** Indique, para tarefa extra, pesquisar sobre as lutas e resistências atuais do povo negro no Brasil.



Avaliação

- Participação ativa nas discussões e debates.
- Qualidade das análises e reflexões sobre as fontes trabalhadas.
- Capacidade de relacionar passado e presente nas lutas e resistências negras.



Para refletir:

A luta do povo negro por liberdade e dignidade não se limitou à resistência física ou à fuga da escravidão. Ela se manifestou e ainda se manifesta na cultura, na produção intelectual, na organização política e na constante busca pelo direito de existir com igualdade. Estimule seus alunos a enxergar a resistência negra como um movimento vivo, multifacetado e fundamental para compreender a sociedade brasileira de ontem e de hoje.

AULA 11 – O NEGRO PARA ALÉM DA ESCRAVIDÃO

Duração: 2 horas/aula

Objetivos do encontro

- Compreender o protagonismo negro na história do Brasil para além da condição de escravizado.
- Refletir sobre a trajetória de Luiz Gama como exemplo de resistência, luta por justiça e ascensão social.
- Analisar a importância de conhecer e valorizar personalidades negras apagadas dos livros de história.
- Desconstruir estereótipos e ampliar o olhar sobre as múltiplas trajetórias negras no Brasil.

Problematização

Por que, ao pensarmos no negro na história do Brasil, a imagem mais frequente ainda é a de um escravizado? Que outras trajetórias e personagens a história oficial invisibilizou? Como a história de Luiz Gama nos ajuda a repensar o lugar do negro na sociedade e em nossa memória coletiva?

Fontes sugeridas

- Filme: *Doutor Gama* (dir. Jeferson De, 2021). Disponível em: YouTube ou Globoplay. Acessado em: 21/09/2025.



Sugestões de abordagem didática

- Apresente brevemente o contexto do filme *Doutor Gama*, explicando quem foi Luiz Gama e sua importância para a luta abolicionista e a história do direito no Brasil.
- Após o filme, promova um debate sobre:
 - Que aspectos da trajetória de Luiz Gama mais surpreenderam os estudantes?
 - Quais foram as principais estratégias usadas por ele na luta contra a escravidão?
 - Por que histórias como a de Gama são pouco conhecidas? Quem são os protagonistas da luta abolicionista que estão ausentes dos livros?
 - Como o filme rompe com estereótipos sobre o negro na história do Brasil?

Atividades propostas

- Debate coletivo guiado pelas questões acima.
- Produção de texto reflexivo: “Como a história de Luiz Gama rompe estereótipos sobre o negro no Brasil?”.
- Pesquisar outras personalidades negras brasileiras que atuaram em áreas como direito, medicina, educação, arte ou política.

Avaliação

- Participação no debate.
- Entrega e qualidade da produção textual/reflexiva.

Para refletir:

O passado não é algo distante. Conhecer trajetórias como a de Luiz Gama é fundamental para rompermos com visões reducionistas, desafiar estereótipos e reconhecer o negro como agente de sua própria história. Valorize a pluralidade das experiências negras e incentive a turma a enxergar além dos papéis tradicionalmente atribuídos pela história oficial.

AULA 12 – PERSONALIDADES NEGRAS

Duração: 2 horas/aula

Objetivos do encontro

- Apresentar aos estudantes a diversidade de trajetórias e lutas de personalidades negras que marcaram a história do mundo e do Brasil.
- Valorizar o protagonismo negro em diferentes áreas (política, arte, educação, ativismo, cotidiano).
- Incentivar o reconhecimento de figuras históricas e contemporâneas que desafiaram o racismo, a desigualdade e os estereótipos.

Problematização

Por que a história tradicional costuma destacar tão poucas personalidades negras? O que faz com que muitos nomes, trajetórias e lutas sejam silenciados ou esquecidos nos livros didáticos? De que forma o reconhecimento dessas figuras impacta a autoestima e a identidade das novas gerações?

Fontes sugeridas

- Documentário: *Falas Negras* (Globoplay, 2020). Acessado em: 21/09/2025.



- [Portal GShow – “Falas Negras: conheça os personagens do especial”](#). Acessado em 21/09/2025.
- Se possível, selecione trechos específicos do documentário para exibir, focando na diversidade de experiências e contextos históricos, o para casa ou sala de aula conforme o tempo disponível

Sugestões de abordagem didática

- Contextualize brevemente o documentário *Falas Negras*, ressaltando que ele reúne depoimentos dramatizados de personagens reais, de diferentes épocas e áreas, todos interpretados por atores negros. Explique a relevância do Dia da Consciência Negra e do reconhecimento dessas trajetórias.
- Proponha que os alunos assistam ao documentário, orientando-os a observar quem são os personagens, em que contexto viveram, quais lutas travaram e quais espaços ocuparam.

- Após a exibição, divida a turma em grupos ou promova um momento coletivo para montar um quadro resumo (no quadro, papel kraft ou digital), com as seguintes colunas:

Nome	Nacionalidade	Ocupação	Luta	Legado
...

Atividades propostas

- Preencher o quadro coletivo de personalidades, estimulando a pesquisa sobre personagens que geraram dúvidas ou curiosidade.
- Redação/reflexão: cada estudante escolhe uma das personalidades apresentadas para escrever um pequeno texto sobre sua importância e legado.

Avaliação

- Participação na construção do quadro e nas discussões.
- Capacidade de identificar e valorizar a pluralidade de experiências e contribuições negras para o mundo e na sociedade brasileira.
- Produção de sínteses/reflexões individuais.

Para refletir

Ao destacar personalidades negras das mais variadas áreas e momentos históricos, a aula contribui para ampliar repertórios, combater estereótipos e inspirar novas gerações. É fundamental que os alunos compreendam que a luta por reconhecimento, respeito e direitos é histórica e ainda está em curso. Estimule-os a pesquisar outras personalidades e a trazer novas histórias para a sala de aula.

AULA 13: RACISMO À BRASILEIRA

Duração: 2 horas/aula

Objetivos do encontro

- Compreender a formação histórica do racismo no Brasil e seu caráter estrutural e velado.

- Identificar manifestações do racismo estrutural na sociedade brasileira, reconhecendo sua persistência desde o período colonial até a atualidade.
- Refletir sobre os lugares ocupados pela população negra e os mecanismos de exclusão e invisibilização no Brasil contemporâneo.
- Repensar o uso de alguns termos que apesar de já naturalizados no cotidiano, reforçam e alimentam o racismo.

? Problematização

No Brasil, por muito tempo se propagou a ideia do “mito da democracia racial”, ou seja, a crença de que vivemos em uma sociedade cordial, onde diferentes grupos convivem em harmonia e o racismo seria apenas uma exceção. No entanto, os dados sociais, as experiências cotidianas e as histórias apagadas mostram outra realidade: a do racismo estrutural, presente em todos os espaços, moldando oportunidades, acessos e os lugares ocupados pela população negra. Esse racismo, diferente do que muitos pensam, não é sempre explícito, mas aparece de formas sutis e naturalizadas, inclusive na linguagem, em que muitos termos e expressões que usamos no dia a dia como “lista negra”, “mulata”, “criado-mudo” carregam significados racistas e ajudam a perpetuar desigualdades. Como perceber esse racismo velado? De que forma a ideia de democracia racial impede que enfrentemos de verdade as injustiças do nosso país? E por que é importante identificar e abandonar expressões que reforçam o preconceito? Nesta aula, o convite é para romper com a naturalização dessas práticas, questionar discursos e desenvolver um olhar crítico diante das desigualdades que se perpetuam historicamente no Brasil.

Fontes sugeridas

- [Cartilha antirracismo - Fundação Lemenn.](#)
- Vídeos (Coleção Antirracista - Instituto Unibanco):
 - Episódio 01: “Mito da democracia racial”
Acessado em 14/08/2025.



◦ Episódio 07: “Racismo estrutural”

Acessado em 14/08/2025.



Sugestões de abordagem didática

- Inicie a aula retomando, brevemente, a importância de compreender o racismo para além de atitudes individuais, mas como parte de um sistema enraizado historicamente no Brasil. Apresente termos aos estudantes alguns exemplos de termos e expressões do cotidiano (como “lista negra”, “meia-tigela”, “criado-mudo”, “mulata”, entre outros), que são frequentemente usados sem reflexão crítica, mas que carregam origens e significados racistas. Peça aos alunos que identifiquem outros termos ou expressões do dia a dia que possam ser problematizados, promovendo um diálogo sobre o impacto dessas palavras. (Se quiser utilize o texto “Termos e expressões racistas: nem pensar!” da cartilha antirracista).
- Na sequência, proponha o debate inicial: “Por que será que tantos termos pejorativos, piadas ou estereótipos relacionados a pessoas negras se tornaram comuns e aceitos em nossa cultura? Isso é apenas ‘modo de falar’ ou reflete algo mais profundo sobre a sociedade brasileira?”
- Dê continuidade com a exibição do vídeo sobre o “Mito da Democracia Racial” (Coleção Antirracista – Instituto Unibanco). Após o vídeo, conduza uma discussão para desmistificar a ideia de que vivemos em um país livre de racismo, problematizando as raízes históricas desse mito e seus efeitos até hoje.
- Em seguida, apresente o vídeo “Racismo Estrutural” e incentive os alunos a relacionarem as situações mostradas no vídeo (e nas próprias vivências) com as expressões e exemplos trazidos anteriormente. Provoque a reflexão: “De que formas o racismo está presente nas estruturas sociais, políticas e culturais do Brasil?”
- Finalize com uma roda de conversa, incentivando os estudantes a compartilhar situações que tenham presenciado ou ouvido, bem como estratégias para romper com o uso de termos racistas e para o enfrentamento do racismo no cotidiano escolar, familiar e comunitário.



Atividades propostas

- Discussão coletiva sobre o texto e vídeos apresentados.
- Levantamento de exemplos de racismo estrutural presentes no cotidiano escolar, familiar ou comunitário.
- Produção de um breve texto/reflexão sobre situações de racismo já vivenciadas ou observadas.
- Elaboração de um mural coletivo com frases ou imagens que expressem o racismo à brasileira e estratégias de enfrentamento.



Avaliação

- Participação nas discussões e reflexões.
- Capacidade de relacionar os conceitos de racismo estrutural/velado com exemplos reais.
- Produção de texto ou outra forma de expressão (mural, cartaz, podcast etc.) sobre o tema.



Para refletir:

O racismo no Brasil, mais do que um fenômeno individual, é um projeto coletivo que estrutura nossas relações sociais, econômicas e políticas. Ao compreender suas raízes históricas e reconhecer suas manifestações cotidianas, podemos romper o silêncio, valorizar as narrativas negras e lutar por uma sociedade verdadeiramente democrática e justa.

BLOCO 4: LEIS, DIREITOS E MEMÓRIAS EM DISPUTA

No quarto bloco, analisamos criticamente as legislações, as políticas de ação afirmativa e os marcos legais fundamentais para as populações indígenas e negras no Brasil. Mais do que apenas apresentar leis e datas comemorativas, a proposta é investigar os contextos em que essas normas foram criadas e questionar sua real efetividade na luta contra o racismo e pela inclusão. Este bloco também problematiza a maneira como a escola e a sociedade costumam abordar datas simbólicas, muitas vezes reforçando estereótipos. O objetivo é incentivar a reflexão sobre como a memória, a resistência e o reconhecimento das lutas desses grupos são disputados no campo legal e cultural.

AULA 14 – LEGISLAÇÕES E DIREITOS: TERRITÓRIOS INDÍGENAS E COMBATE AO RACISMO

Duração: 2 horas/aula

Objetivos do encontro

- Apresentar e discutir as principais legislações brasileiras sobre demarcação de terras indígenas, combate ao racismo e injúria racial.
- Refletir sobre a aplicação, os desafios e a efetividade dessas leis na sociedade contemporânea.
- Estimular o senso crítico dos alunos sobre a importância do conhecimento dos direitos e deveres constitucionais.

Problematização

Apesar de o Brasil possuir legislações para proteção dos povos indígenas e combate ao racismo, observamos, na prática, muitos desafios: conflitos pela terra, violência contra comunidades indígenas e negras, subnotificação de crimes raciais e dificuldades de acesso à justiça. Se as leis existem, por que tantas vezes não são cumpridas? O que ainda falta para garantir igualdade real no país?

Fontes sugeridas

- Constituição Federal de 1988 (CF/88): Artigos 231 e 232: reconhecem os direitos dos povos indígenas às terras tradicionalmente ocupadas e determinam a obrigação do Estado de demarcar, proteger e respeitar essas terras.
Disponível: [Texto da CF/88](#)
- Lei 6.001/73 (Estatuto do Índio): Define tipos de terras indígenas: terras tradicionalmente ocupadas, reservadas, domaniais e usufruto. Estabelece direitos civis e proteção às comunidades indígenas.
Disponível: [Texto da Lei 6.001/73](#)
- Lei 14.701/23 (Marco Temporal):
Dispõe sobre critérios para demarcação de terras indígenas, estabelecendo que só teriam direito as terras ocupadas por indígenas até 5 de outubro de 1988. Tema polêmico e atual, com veto

presidencial derrubado pelo Congresso.

Disponível: [Texto da Lei 14.701/23](#)

- Lei 7.716/89 (Crimes de Racismo): Define e pune crimes resultantes de preconceito de raça ou cor. Prevê pena de reclusão para condutas discriminatórias em ambientes públicos, escolas, locais de trabalho etc.

Disponível: Disponível: [Texto da Lei 7.716/89](#)

- Lei 14.532/23 (Equiparação da Injúria Racial ao Racismo): Atualiza a legislação, equiparando a injúria racial ao crime de racismo.

Torna as penas mais severas e iguala a gravidade dos dois crimes.

Disponível: [Notícia oficial sobre a Lei 14.532/23](#)



Sugestões de abordagem didática

- No início da aula apresente os temas das legislações, localize-as historicamente e explique, de modo resumido, o contexto em que cada lei foi criada ou atualizada. Mostre notícias recentes sobre conflitos de terras e casos de racismo para conectar com a atualidade.
- Para uma leitura guiada e discussão, divida a turma em pequenos grupos, cada grupo recebe uma lei para ler o trecho mais importante (já previamente selecionado). Peça que anotem:
 - O que garante a lei?
 - Qual é a importância dela?
 - Que desafios existem para o seu cumprimento?
- Em seguida, cada grupo apresenta um resumo para a turma. Incentive perguntas como:
 - Por que existe tanta resistência ao reconhecimento de terras indígenas?
 - Por que o racismo ainda persiste, mesmo sendo crime?
 - Vocês conhecem exemplos em que essas leis foram (ou não foram) aplicadas?
- Como reflexão final, proponha um debate sobre a necessidade de atualização das leis, os conflitos recentes envolvendo povos indígenas e os limites do sistema judicial na efetivação dos direitos.



Atividades propostas:

- Atividade em grupo:
Elaborem um quadro comparativo (pode ser no quadro ou em folha) com os seguintes itens para cada lei:
 - O que protege?
 - Quem são os beneficiados?

- Qual o principal desafio para sua efetivação?
- Um caso famoso de descumprimento ou de sucesso dessa lei.
- Atividade de pesquisa (para casa ou em sala, conforme tempo):
Escolha um caso atual (exemplo: conflito Yanomami, marco temporal, caso recente de racismo) e produza uma notícia curta explicando como a lei foi ou não foi utilizada nesse contexto.
- Debate/Seminário:
Os grupos podem defender pontos de vista diferentes: por exemplo, um grupo defende o marco temporal e outro a posição dos povos indígenas, para exercitar o pensamento crítico e argumentação.



Avaliação

- Participação nos debates e na produção do quadro comparativo.
- Clareza na exposição das ideias.
- Capacidade de relacionar as leis com casos práticos e atuais.



Para refletir

Ter leis não é o suficiente para garantir direitos. O conhecimento, a mobilização social e a luta coletiva são fundamentais para que a legislação saia do papel e se torne realidade na vida dos povos indígenas e da população negra. A cidadania plena passa pelo reconhecimento da diversidade e pela garantia de justiça para todos.

AULA 15 – LEIS 10.639/03 E 11.645/08: O QUE (NÃO) ESTÁ NOS LIVROS DIDÁTICOS?

Duração: 2 horas/aula



Objetivos do encontro

- Compreender o contexto histórico de criação das Leis 10.639/03 e 11.645/08 e sua importância para a educação básica brasileira.
- Refletir sobre o impacto dessas leis no currículo escolar e nos livros didáticos.

- Desenvolver um olhar crítico sobre os materiais didáticos, reconhecendo silenciamentos e avanços na abordagem da história e cultura afro-brasileira e indígena.

Problematização

Apesar de avanços legais, os conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e indígena ainda aparecem de forma reduzida ou superficial nos livros didáticos. Por que temas tão centrais para a formação do povo brasileiro ficaram tanto tempo de fora da escola? O que mudou com as leis? Como os livros didáticos e até o ensino em sala refletem ou ainda ignoram essas presenças e ausências? Ao olhar para o livro didático como uma fonte, podemos perceber quais histórias foram contadas, quais silenciadas e o que ainda precisa mudar.

Fontes sugeridas

- Lei 10.639/03 (Obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira)
Disponível: [Texto da Lei Lei 10.639/03](#)
- Lei 11.645/08 (Obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Indígena e Afro-brasileira)
Disponível: [Texto da Lei Lei 11.645/08](#)
- Exemplares de livros didáticos de História (preferencialmente de diferentes anos/coleções)

Sugestões de abordagem didática

- Apresente as duas leis, contextualizando brevemente o que motivou cada uma e os desafios enfrentados para sua implementação.
- Realize uma roda de conversa, provocando os alunos com perguntas como: “Vocês lembram de ter estudado sobre África e povos indígenas na escola? De que forma?”
- Leve os alunos à biblioteca da escola e distribua os livros em grupos, para que façam o levantamento do que é encontrado e do que está ausente. Caso não haja biblioteca, use os livros disponíveis em sala ou peça que tragam de casa.
- Oriente os estudantes quanto à análise dos livros didáticos: o que observar? (Presença dos temas, qualidade do conteúdo, imagens, linguagem, exemplos, quem são os sujeitos históricos representados etc.)
- Se possível, oriente cada grupo a preencher uma ficha ou quadro comparativo com o que encontrou.

Atividades propostas

- **Análise em grupo dos livros didáticos:** Os grupos registram exemplos de como aparecem (ou não aparecem) os temas afro-brasileiros e indígenas, ilustrando com trechos, imagens, ou ausência deles.
- **Socialização:** Cada grupo apresenta seus achados para a turma.
- **Reflexão coletiva:** Debater como essas presenças/ausências impactam nossa visão de Brasil e de identidade.



Avaliação

- Participação no debate.
- Qualidade das observações feitas na análise dos livros.
- Capacidade de argumentação e reflexão crítica nas apresentações.



Para refletir

As leis garantem o direito à diversidade no currículo, mas transformar as práticas e os materiais escolares é um processo em construção. Como você enxerga a presença ou ausência dessas histórias no seu percurso escolar? Que mudanças ainda precisamos buscar para uma educação mais justa e plural?

AULA 16 - RECONHECER PARA PERTENCER: COTAS RACIAIS E AUTODECLARAÇÃO NA ESCOLA

Duração: 2 horas/aula



Objetivos do encontro

- Compreender o contexto e a importância das políticas de cotas raciais no Brasil.
- Desconstruir mitos e preconceitos associados às cotas, como a ideia de “esmola” ou “privilégio”.
- Refletir sobre a relação entre desigualdade, acesso à educação e autodeclaração racial.
- Incentivar o reconhecimento e valorização das identidades étnico-raciais.
- Analisar como as pessoas se percebem e se autodeclaram racialmente no Brasil, reconhecendo a complexidade e pluralidade dessa construção.

? Problematização

Por que cotas raciais são necessárias em uma sociedade como a brasileira? Como o reconhecimento da própria identidade racial pode ser um desafio para tantos brasileiros, e o que a enorme diversidade de respostas à pergunta “qual a sua cor?” nos diz sobre o Brasil? A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE, em 1976, revelou 136 diferentes respostas à pergunta sobre cor/raça, mostrando o quanto o pertencimento étnico-racial é atravessado por histórias, preconceitos e uma grande dificuldade de autorreconhecimento. O que mudou de lá para cá? A política de cotas muitas vezes é chamada de “esmola” ou “benefício”, mas será que esse argumento faz sentido diante do abismo histórico entre negros, indígenas e brancos no acesso à educação? Reconhecer a própria identidade racial é também um exercício de letramento, aceitação e justiça social. Como avançar neste caminho?

Fontes sugeridas

- Lei 12.711/12 (Lei de Cotas para o Ensino Superior)
Disponível: [Texto da Lei 12.711/12](#)
- Vídeo: [Cota não é esmola — Coleção Antirracista, Instituto Unibanco](#)
Acessado em: 14/08/2025



- Cartilha das cotas (MEC/governo federal, se disponível)
Disponível: [Lei de cotas](#)
- Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios feita em 1976 pelo IBGE, FOLHA DE S.PAULO. Racismo Cordial. Almanaque da Folha, São Paulo, jun. 1995.
Disponível em: <https://almanaque.folha.uol.com.br/racismo05.pdf>.
Acesso em: 18 ago. 2025.



Sugestões de abordagem didática

- Apresente aos alunos a imagem sobre a pesquisa do IBGE de 1976, mostrando as 136 respostas diferentes sobre a cor das pessoas no Brasil. Peça para que observem e discutam:
 - O que chama a atenção nesses dados?
 - Por que as pessoas se reconhecem de formas tão diversas?
 - Como o contexto histórico e social influencia essa percepção?
 - Proponha um breve debate: “Será que hoje ainda temos dificuldade de nos autodeclararmos racialmente? Por quê?”
- Explique o conceito e a importância da autodeclaração racial e relacione com a experiência dos alunos.
- Em seguida, apresente e discuta a Lei de Cotas: contexto histórico, principais pontos, grupos beneficiados, mudanças ao longo dos anos.
- Exiba o vídeo "Cota não é esmola" e proponha perguntas provocativas:
 - Quem mais se beneficia das cotas raciais?
 - Por que ainda existe resistência à política de cotas?
 - Qual a diferença entre cotas sociais e raciais?
- Debater em grupo os conceitos de meritocracia e igualdade de oportunidades a partir de situações concretas. Trazer perguntas provocativas como: "Você acredita que esforço pessoal é suficiente para o sucesso escolar/profissional?" ou "Como a cor da pele pode influenciar as oportunidades?"
- Expor gráficos/tabelas mostrando o crescimento do acesso de negros e pardos à universidade nos últimos 20 anos e discutir o impacto concreto dessa política.
- Explicar o que é autodeclaração racial e discutir sua importância. Levantar dúvidas, situações de insegurança e exemplos de como o letramento racial pode ajudar.
- Transição para a atividade: Relacione a discussão da pesquisa do IBGE com a realização do censo étnico-racial na escola “Se naquela época havia tanta pluralidade, como será hoje na nossa escola?”
- Explique o passo a passo para o censo, a construção do questionário e a tabulação dos resultados, estimulando o debate sobre as respostas.



Atividades propostas

- **Censo étnico-racial na escola:**

- Orientar a turma a construir coletivamente um questionário simples para mapear a autodeclaração racial dos alunos da escola.
- Realizar a pesquisa, tabular os resultados e debater: “Como nos reconhecemos? Quantos se autodeclaram negros, pardos, indígenas, brancos? Por quê?”
- **Pesquisa coletiva:** Levantar exemplos de pessoas que acessaram a universidade através das cotas e o impacto disso em suas vidas e comunidades.
- **Redação reflexiva:** “O que significa reconhecer-se racialmente no Brasil hoje? Como o letramento racial pode transformar vidas?”



Avaliação

- Participação nas discussões.
- Engajamento na elaboração, aplicação e análise do censo étnico-racial.
- Capacidade de argumentar, com base nos dados e nas fontes, sobre a importância das cotas raciais.



Para refletir

A luta por igualdade de oportunidades é uma luta pelo reconhecimento: de nossas raízes, de nossas histórias e de nossos direitos. As cotas raciais não são esmola, mas uma conquista social construída a partir da luta de muitos. Só é possível pertencer plenamente quando sabemos quem somos e de onde viemos.

AULA 17 - REPENSANDO O 19 DE ABRIL E O 20 DE NOVEMBRO: PARA ALÉM DOS ESTEREÓTIPOS

Duração: 2 horas/aula



Objetivos do encontro

- Refletir sobre o significado e os sentidos históricos e sociais das datas 19 de abril (Dia dos Povos Indígenas) e 20 de novembro (Dia da Consciência Negra).
- Desconstruir estereótipos e representações reducionistas comumente presentes nas comemorações escolares dessas datas.

- Estimular a criatividade e o protagonismo dos estudantes na elaboração de novas formas de celebrar e valorizar as culturas indígena e afro-brasileira.

Problematização

Como costumamos comemorar o 19 de abril e o 20 de novembro nas escolas? O que está presente e o que está ausente nessas celebrações? Por que tantas vezes vemos o reforço de estereótipos (fantasias, comidas, danças isoladas) em vez de discussões profundas sobre a história, a luta e o protagonismo desses povos? Como transformar esses momentos em espaços de valorização, reflexão crítica e combate ao racismo e à invisibilização?

Fontes sugeridas

- Slides ou cartazes sobre celebrações escolares tradicionais dessas datas (imagens, vídeos, reportagens)
- Materiais de apoio das aulas anteriores: vídeos, poemas, músicas, documentários, leis, depoimentos de lideranças indígenas e negras
- Exemplos de projetos antirracistas em escolas

Sugestões de abordagem didática

- Divisão da turma em grupos: metade dos grupos ficará responsável por repensar as comemorações do 19 de abril, e a outra metade, do 20 de novembro.
- Orientações para os grupos:
 - Pesquisar e discutir: O que normalmente se faz na escola nessas datas? Que estereótipos costumam aparecer?
 - Retomar os conteúdos estudados durante o semestre sobre culturas, lutas e protagonismos indígenas e afro-brasileiros.
 - Elaborar um projeto ou proposta de evento para a escola, fugindo dos clichês e estereótipos, valorizando o conhecimento e a cultura desses povos.
- Exemplos de propostas a serem sugeridas: Exposições temáticas, rodas de conversa, apresentação de danças ou músicas tradicionais com contextualização, culinária e artesanato com debate sobre o significado, debates sobre legislações, encenações históricas, podcasts, entrevistas com membros das comunidades locais etc.
- Apresentação dos projetos: cada grupo apresenta sua proposta para a turma, justificando as escolhas e explicando como ela valoriza as culturas indígenas ou afro-brasileiras e combate os estereótipos.

Atividades propostas

- Elaboração coletiva dos projetos de comemoração para as datas (em grupo)
- Apresentação das propostas para a turma e debate avaliativo
- Registro reflexivo individual: “O que eu aprendi de novo sobre essas datas? O que mudaria na forma como celebramos esses dias na escola?”

Avaliação

- Participação na elaboração dos projetos e nas discussões
- Originalidade, criatividade e fundamentação das propostas apresentadas
- Capacidade de identificar e desconstruir estereótipos
- Reflexão individual final

Para refletir

A celebração de datas como 19 de abril e 20 de novembro pode e deve ser espaço de memória, luta e reconhecimento das contribuições, saberes e resistências dos povos indígenas e negros no Brasil. Repensar essas datas é um convite a ir além dos rótulos e fantasias, para construir uma escola realmente antirracista, plural e transformadora.

BLOCO 5: PROPOSTAS DE CULMINÂNCIA PARA AS ELETIVAS

Chegamos ao bloco final de nossa obra, um momento dedicado a consolidar e socializar as aprendizagens construídas ao longo deste percurso. Inspirado no princípio do protagonismo do estudante, este bloco final é um convite à ação. A proposta é que o conhecimento adquirido não permaneça apenas no plano teórico, mas se transforme em expressão e prática, seja por meio de projetos autorais, produções artísticas ou outras formas criativas de manifestação. O objetivo é fortalecer a integração entre o saber acadêmico e a comunidade, celebrando uma visão da

formação do povo brasileiro que seja antirracista, democrática e comprometida com a pluralidade de vozes que nos constituem.

AULAS 18, 19 E 20 - CULMINÂNCIA: APRESENTAÇÃO DOS PROJETOS FINAIS - A HISTÓRIA DO POVO BRASILEIRO PELAS NOSSAS VOZES

Duração: 2 horas/aula

Objetivos do bloco

- Proporcionar aos estudantes um espaço de criação, síntese e autoria, apresentando o que aprenderam e produziram ao longo do semestre.
- Valorizar o protagonismo dos estudantes na construção de novas narrativas sobre o povo brasileiro, reconhecendo as contribuições indígenas, africanas e afro-brasileiras.
- Promover o compartilhamento de saberes com a comunidade escolar, combatendo estereótipos e silenciamentos.
- Desenvolver competências de trabalho em equipe, pesquisa, criatividade, expressão oral e artística.

Problematização para o bloco

Como transformar tudo o que aprendemos, discutimos e criamos sobre a história do povo brasileiro em apresentações que inspirem outros estudantes e a comunidade escolar a pensar de forma crítica, plural e antirracista?

Quais narrativas e personagens não podem faltar na nossa culminância?

Como dar visibilidade a vozes, histórias e culturas tantas vezes apagadas dos livros tradicionais?

Sugestões de abordagem didática

1. Produção de Livro Didático Colaborativo

- Cada grupo ou estudante produz um capítulo, página ou seção sobre temas, personagens, lutas, resistências e contribuições indígenas e afro-brasileiras, baseando-se nos conteúdos das aulas.

- Os materiais podem incluir textos, poemas, ilustrações, relatos, mapas, gráficos, infográficos, entrevistas fictícias, receitas etc
- O livro final pode ser impresso, digital ou exposto na biblioteca da escola como memória do semestre.

2. Exposição Temática

- Organização de uma sala ou espaço expositivo com painéis sobre matrizes indígenas e africanas, incluindo desenhos, pinturas, fotografias, objetos produzidos, cartazes, linha do tempo, jornais de época, músicas, áudios etc.
- Possibilidade de criar “estações” por tema, facilitando a visita guiada por estudantes-monitores.

3. Apresentações Artísticas

- **Teatro:** encenações baseadas em episódios históricos, lutas ou biografias (ex: o encontro das matrizes do povo brasileiro; a resistência quilombola; personalidades como Luiz Gama, Ailton Krenak, Dandara, Marielle Franco etc.)
- **Música e Dança:** apresentações com músicas sugeridas ao longo do curso (O Canto das Três Raças, Carne Negra, Território Ancestral, sambas-enredo etc.), danças indígenas ou afro-brasileiras e performance de poesias.

4. Seminários e Rodas de Conversa

- Grupos de alunos apresentam propostas de reinterpretação das datas 19 de abril e 20 de novembro, compartilhando projetos e propostas já desenvolvidas na aula anterior.
- Realização de debates ou rodas de conversa sobre temas como racismo estrutural, identidade, pertencimento, direitos, desafios atuais etc.

5. Jornal ou Podcast Escolar

- Produção de um jornal mural ou podcast especial, com reportagens, entrevistas e resenhas sobre os temas estudados, depoimentos de alunos e professores, curiosidades e reflexões.

6. Exposição de Produções Individuais

- Exposição dos desenhos, mapas, reflexões, relatos e outros trabalhos realizados ao longo das aulas, com legendas explicativas.

Orientações para o professor

- Reserve as três últimas aulas para o planejamento, ensaio, organização e execução das culminâncias.
- Utilize a primeira aula (18) para dividir tarefas, definir grupos e escolher os formatos de apresentação

- Na segunda (19), oriente a produção, ofereça suporte na finalização dos materiais e promova ensaios e aprimoramentos.
- A terceira aula (20) é destinada à realização do evento/apresentação aberta à comunidade escolar.
- Incentive a integração das produções com as propostas da aula 17 (projetos de comemoração do 19 de abril e 20 de novembro).
- Registre o processo com fotos, vídeos, depoimentos.



Avaliação

- Avaliação qualitativa, processual, com base no engajamento, participação, criatividade, respeito às temáticas estudadas e capacidade de síntese e expressão.
- Sugira que cada estudante escreva uma breve reflexão final: “O que mudou na minha visão sobre a história do povo brasileiro?” ou “O que eu gostaria que os outros alunos aprendessem com nosso projeto?”



Para refletir

A culminância não é um ponto final, mas o início de novas perguntas e descobertas. Quando apresentamos nossas vozes e histórias, reafirmamos o direito de todos a aprender, ensinar e transformar a escola em espaço de respeito, pluralidade e luta contra o racismo.